

arte

ODE

À



VISTAS

# COMPLEXIDADE

SOB O TÍTULO *COREOGRAFIAS DO IMPOSSÍVEL*, A 35ª BIENAL DE SÃO PAULO CONVIDA À RUPTURA DE PENSAMENTOS, ESPAÇOS E TEMPOS LINEARES. NO LUGAR, SURGEM PRÁTICAS ARTÍSTICAS E SOCIAIS QUE **AMPLIAM OLHARES E AFETOS**, TOCAM QUESTÕES URGENTES DO AGORA E INSPIRAM **MUNDOS FUTUROS** HABITADOS POR NOSSA MELHOR **ANCESTRALIDADE**

TEXTO GIULIANA CAPELLO FOTOS WESLEY DIEGO EMES



À esq., detalhe do projeto expográfico do Pavilhão da Bienal, concebido pelo escritório Vão, que propõe um novo percurso sobre o traçado de Oscar Niemeyer – e fecha o monumental vão central pela primeira vez. Na pág. anterior, uma amostra do projeto artístico *Timur Merah*, de Citra Sasmita, que pinta o secular estolo Kamasan, mas colocando mulheres indonésias no lugar de figuras heroicas masculinas, em uma crítica ao patriarcado e ao colonialismo na cultura de seu país

**NÃO ESPERE ENTRAR NO PAVILHÃO CICCILLO MATARAZZO**, palco da maior exposição de arte contemporânea do Hemisfério Sul (em cartaz de 6 de setembro a 10 de dezembro), e realizar um tour previsível e confortável, de quem já pisou naquele espaço diversas vezes. É claro, a arte sempre nos impacta. Mas nesta 35ª edição da Bienal de São Paulo, fronteiras e convenções seculares, com raízes nos períodos coloniais mundo afora e seus efeitos através das gerações, foram emergidas como um convite para serem desfeitas, diluídas em movimentos coreografados por curadores, artistas, arquitetos e, agora, o público. Assim, as práticas artísticas apresentadas em cerca de 1.100 obras de 121 participantes de todos os continentes abrem espaço para, nas palavras dos curadores, “imaginar mundos, ou mesmo acelerar o fim de um mundo onde as ideias de liberdade, justiça e igualdade são realizações impossíveis”.

A começar pela curadoria, quebrar padrões foi algo buscado em todo o processo de produção da exposição *Coreografias do Impossível*. Sem a figura de um curador-chefe, Diane Lima, Grada Kilomba, Hélio Menezes e

Manuel Borja-Villel trabalharam inédita e horizontalmente como um coletivo curatorial. E é preciso frisar: três dos quatro integrantes são negros e, pela primeira vez, há duas mulheres no time. “Mais importante do que somar nossas experiências tão distintas foi buscar desaprender, questionar conceitos recebidos”, conta o curador e historiador de arte espanhol Manuel Borja-Villel, referindo-se à ideia de que não se sustenta mais uma modernidade colonial, eurocêntrica ou ocidental-cêntrica, em que há uma história única que exclui tudo o que não está dentro dela e trata a natureza como objeto a ser explorado. “Ao contrário, é fundamental para nós a complexidade de outras formas de conhecimento, presente nos povos nativos, nas comunidades afrodescendentes, nos outros europeus (há muitas Europas) e em tantos outros povos”, pontua.

Não por acaso, a lista de participantes selecionados revela históricos 82% de artistas não brancos. Eles representam aqueles que desafiam e resistem a um cotidiano de violências, dominação de territórios, marginalização, diásporas de toda (des)ordem, conflitos

Integrantes do coletivo curatorial da 35ª Bienal de São Paulo: Grada Kilomba, Manuel Borja-Villel e Diane Lima; e, à dir., as cortinas dupla-face com patchworks de tecido, de Mourina Al Solh, retratam os dramas das guerras atuais no Líbano e na Síria. Na pag. seguinte, retrato da cineasta e documentarista Sarah Maldoror, em set de filmagem de seu primeiro filme, *Guns for Banta*, de 1970 – dois anos depois, ela filmaria a guerra colonial em Angola pelos olhos de uma mulher, resultando no longa *Sambizanga* (em exibição na Bienal)



envolvendo povos originários. “Fizemos um exercício de olhar para os que estão geográfica e geopoliticamente afastados e vimos que há um diálogo próximo e uma intimidade grande entre eles”, conta a curadora, artista e escritora portuguesa Grada Kilomba.

Para o presidente da Fundação Bienal de São Paulo, José Olympio da Veiga Pereira, esta será uma edição bastante especial. “Teremos a oportunidade de conhecer muitos artistas novos. Além disso, esse desejo de incluir grupos até então excluídos ou com menor relevância de participação dá um recado importante ao mundo”, diz.

#### PENSAR (E EXPOR) “FORA DA CAIXA”

Por tudo isso, as obras e os artistas – também de maneira inédita – não foram agrupados para a exposição

por temas, países ou outras formas hierárquicas. Como em uma dança por diferentes concepções de mundo, o desafio foi apresentar relações desiguais, assimétricas, com saltos de produções pequenas, grandes, populares, de movimentos sociais e autores acostumados a museus. “Trazemos obras que produzem essa fratura na enciclopédia ocidental, nesse modo único e universal de conceber arte e de sonhar e imaginar mundos, mas não de um modo romântico, heroico, já que isso não produziria uma crítica radical aos contextos impossíveis dos quais elas fazem parte”, analisa a curadora, escritora e pesquisadora brasileira Diane Lima.

Outra escolha importante dos curadores (adotada nesta reportagem como um “aquecimento” para quem lê e visitará a exposição) foi não destacar a





CLUBE DE REVISTAS

“POR QUE VAMOS COLOCAR UMA **ARTISTA DENTRO DE UMA CAIXA** CHAMADA NAÇÃO, GÊNERO OU SEXUALIDADE, QUE É DEFINIDA DE FORMA BINÁRIA, QUANDO **AS ARTISTAS SÃO MUITO MAIS COMPLEXAS?**” GRADA KILOMBA

nacionalidade dos artistas, de maneira a questionar a própria ideia de nação, cujo berço colonial carrega o sentido de dominância e poder. “Por que vamos colocar uma artista dentro de uma caixa chamada nação, gênero ou sexualidade, que é definida de forma binária, quando as artistas são muito mais complexas? Sou uma artista portuguesa, mas quantas nações eu trago comigo para ser quem eu sou e para definir meu pensamento, minha prática artística, minha intelectualidade?”, questiona Grada Kilomba. Em sua visão, não se trata de uma desobediência, mas de criar novos vocabulários, elaborar perguntas que antes não eram feitas. “Esse momento intelectual e afetivo em que o público entra, olha para uma obra e diz ‘nunca tinha pensado nisso antes’ é a grande magia da arte”, completa.

#### **CORPO ARQUITETÔNICO**

Entrar no Pavilhão da Bienal, aliás, promete ser uma experiência surpreendente este ano. Inspirados nos textos curatoriais, os arquitetos Anna Juni, Enk te Winkel e Gustavo Delonero, sócios do escritório Vão, que assina o projeto expográfico, debruçaram-se em pesquisas para entender como criar um diálogo mais profundo com a proposta da exposição manipulando elementos da arquitetura. “Buscamos um caminho para lidar com a monumentalidade do prédio e a assinatura de Oscar Niemeyer, sem reencenar a coreografia conhecida do edifício”, conta Anna Juni. Na mira: um projeto que modificasse o percurso, as perspectivas, o ritmo, as escalas.

Dessa forma, conceberam diferentes relações espaciais de cheios e vazios nos pavimentos, criando



Acima, Tadáskia durante o processo de criação do desenho em carvão e giz pastel seco que apresenta na Bienal; e, à dir., detalhe de *Oblivious to Oblivion* (Alheios ao Esquecimento), instalação de Geraldine Javier, que trabalha as mudanças climáticas em um horizonte de reparações misturando esperança e desespero. Na pág. seguinte, a artista visual Luana Vitra segura uma das flechas de ferro e acabamento de cobre (com função de patuá) integrante da instalação que retrata histórias da mineração e da escravidão em Minas Gerais



contrastes de compressão e decompressão. “Fechamos o fundo da rampa que acessa o segundo andar, levando os visitantes direto do primeiro para o terceiro piso, único climatizado e que, por isso, abriga as obras históricas. Assim, invertemos o percurso, que normalmente deixava essas obras para o final e criava uma hierarquia entre os andares”, comenta a arquiteta. Desta vez, elas estarão no meio do circuito, distribuídas entre salas expositivas fechadas, com um espaço livre no centro, mais coletivo.

“Já no segundo andar, que agora será o último do percurso e acessado a partir do terceiro por uma rampa externa voltada para o parque, teremos salas mais fechadas no centro e todo o entorno como um grande ambiente aberto com vista para o verde”, completa. Para tanto, pela primeira vez na história o vão central do pavilhão foi fechado, com painéis de madeira. “Como usamos a mesma materialidade, o resultado é

uma diluição de autoria em que não se sabe muito bem o que é original e o que não é”, avalia o arquiteto Enk te Winkel, ao que Anna Juni arremata: “Tem uma frase do texto curatorial que fala sobre *compactar e colapsar* as referências simbólicas e os repertórios estéticos. Foi o que fizemos”.

#### VOZES MÚLTIPLAS

Como um mosaico de práticas artísticas que encaram o contemporâneo, os nomes confirmados reúnem um mundo de complexidades apagadas que, nesta edição, ganham corpo, tempo e espaço. Tadáskia, uma das artistas a expor, celebra a oportunidade de ser parte da 35ª Bienal. “É muito significativo saber que não serei uma das únicas pessoas trans e negras, mas que há outras agregando essa representatividade”, afirma ela, cuja produção trata, entre outros temas, das experiências da



“ESTA BIENAL É UMA  
POSSIBILIDADE DE **ERGUER  
NO TEMPO UMA FICÇÃO  
BONITA QUE A GENTE  
GOSTARIA DE HABITAR**”  
LUANA VITRA

elaborada com ferro, cobre e prata, metais que pesquisa há algum tempo.

Já a mais jovem artista da exposição, Castiel Vitorino Brasileiro, escritora e psicóloga, conta que abordará a violência contra templos religiosos. “Como estou falando de mães de santo que foram roubadas, tiveram seus terreiros destruídos, quero trazer essa sensação de querer entrar e não conseguir. Será uma instalação de alvenaria meio em ruínas, para ser observada de fora”, diz. É sobre destruições também que trata a instalação cinematográfica *A Fidai Film*, de Kamal Aljafari, artista e cineasta. “Uso materiais saqueados de arquivos palestinos na invasão de Beirute por Israel em 1982 para refletir sobre a contínua apropriação e destruição de um país e de uma cultura inteira, buscando formas de narrar o invisível e contar as condições de quem está fora da história”, comenta. Ainda marcam presença movimentos sociais como a Cozinha Ocupação 9 de Julho, responsável pelo restaurante da exposição e rodas de conversas. “Vamos levar nossa cozinha como uma expressão artística da nossa culinária ancestral, que trabalha com pequenos produtores orgânicos e preparos de alta qualidade feitos por chefs convidados”, resume Carmen Silva, liderança do movimento à frente do projeto.

Com quase 30 anos de carreira, a artista, educadora e doutora em Artes Visuais pela USP Rosana Paulino fará sua primeira participação na Bienal de São Paulo. “Cheguei antes em Veneza e na Bienal do Mercosul, o que mostra que a participação de artistas negros na Bienal paulistana até aqui foi muito pequena. Daí a importância desta edição.” Sua nova série *Mangue*, com trípticos de desenhos sobre grandes telas, mostrará mulheres árvores, investigando o feminismo negro e os povos ribeirinhos e indígenas como chaves da sobrevivência ecológica. Como espectadora, a professora da FAU-USP, pesquisadora e artista Giselle Beiguelman já admira o mapeamento dos 121 artistas, definindo-o como uma cartografia do agora que tensiona o senso comum e implica outros imaginários, estéticos e práticos. Em suas palavras, “o grande trunfo desta 35ª edição tem a ver com a expressão lugar de fala, mas, sobretudo, com o fato dela criar um lugar de escuta desses artistas e suas obras”.

diáspora negra. Em uma sala de 37 m<sup>2</sup>, ela apresenta uma instalação que inclui a obra *Ave Preta Mística*, um livro de 61 páginas soltas com ilustrações e textos poéticos, além de um grande desenho na parede, em carvão e giz pastel seco, e esculturas construídas com bambu, taboa, frutas, miçangas e elementos dourados.

Para Luana Vitra, esta Bienal cria um marco histórico. “Às vezes, dentro desse processo de habitar algo que foi absolutamente embranquecido, a gente vive um processo de solidão, nos inserimos, mas ainda estamos ali sozinhos. E é muito bom poder vivenciar uma celebração acompanhada”, diz. “Esta Bienal é uma possibilidade de erguer no tempo uma ficção bonita que a gente gostaria de habitar”, conclui. Caminhando da dança às artes visuais, Luana apresentará uma instalação que fala sobre escravizados e mineração (tema que perpassa sua história familiar),